

16 JUL 1997

DESTAQUE

ESTADO DE SÃO PAULO

CRISTIANA LÔBO

A vitória dos economistas

A crise nos mercados asiáticos, que tem repercussão nas bolsas brasileiras com grande impacto, reforçou os argumentos da equipe econômica, que quer destinar todos os recursos obtidos com a privatização ao abatimento da dívida pública. O presidente Fernando Henrique disse ontem que os bilhões arrecadados com a privatização vão para o Tesouro e o governo vai utilizá-los da melhor forma — “prioritariamente para abater a dívida”.

É uma vitória preliminar da equipe econômica, embora ainda não haja uma decisão final do governo. Na semana passada, ainda sob a euforia do ágio obtido pelo governo na privatização da banda “B” da telefonia celular, a chamada “turma da ganância” dentro do governo ganhava força para gastar todo o dinheiro (ou grande parte dele) em programas sociais.

Ontem à noite, o presidente reuniu-se com os ministros Clóvis Carvalho e Antônio Kandir e com o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, para tratar desse assunto.

O ministro Pedro Malan saiu em campo recolhendo apoios à tese de abater a dívida com os recursos da privatização. Conversou com economistas que são ouvidos pelo presidente e também com políticos. Aos líderes partidários, Malan e seus assessores explicavam que o mais importante agora, quando o ambiente é de insegurança provocada pela crise asiática, é que o Brasil dê um sinal à comunidade financeira internacional de que está disposto a perseguir o acerto das contas públicas. É isso, segundo os economistas, que poderá fortalecer o Brasil e torná-lo menos vulnerável.

— Entre olhar para Wall Street e para programas sociais, a hora é de olhar para Wall Street — afirmou ontem um importante economista do governo.

Essa decisão parece estar tomando conta de todo o governo, até mesmo sensibilizando os que de início defendiam gastos com programas sociais. O minis-

tro Sérgio Motta, por exemplo, que chegou a defender o uso dos recursos em programas sociais, ontem já foi mais moderado. Falou em gastar 50% no abatimento da dívida, 30% em projetos econômicos e 20% em programas sociais. A equipe econômica, contudo, faz um exercício de conscientização para que todos apoiem a idéia de não gastar um só tostão desses recursos.

— Os programas sociais existem e os recursos para eles já estão no Orçamento — disse um assessor do Planalto, complementando a contabilidade feita por um economista do governo: se os R\$ 8 bilhões que devem ser arrecadados com a privatização do setor de telecomunicações forem utilizados para abater a dívida, isso vai refletir numa economia de R\$ 1 bilhão

ao fim de cada ano em pagamento de juros.

Outro economista recorre ao ditado popular para justificar a necessidade de aplicar todos os recursos disponíveis no abatimento da dívida pública: “De grão em grão, a galinha enche o papo.”

A maioria dos políticos pensa diferente — de olho nas eleições do ano que vem. Alega que R\$ 8 bilhões a menos numa dívida de mais de R\$ 150 bilhões muito pouco representa. Mas os econo-

mistas contestam: “Essa é a lógica de uma dona de casa irresponsável, mas não pode ser a lógica do homem público.”

É provável que o governo não dê palavra final sobre como empregar os recursos da privatização, deixando apenas a explicação que os recursos irão para o Tesouro. Não daria argumentos à oposição, que o acusaria de ter pouca sensibilidade para com os problemas sociais, mas também não sairia por aí torcendo o que foi arrecadado, comprometendo a estabilização da moeda.

Os economistas não falam em risco para o Brasil como reflexo dos problemas que acontecem lá nos países asiáticos. Mas estão sempre lembrando que tudo está interligado e, numa situação dessas, o melhor caminho é o da prudência.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

Não falam em risco para o Brasil, mas sempre lembram que o melhor caminho é o da prudência